

ATITUDES PARA A VIDA

Noeli Marangoni Gilioli*

Falar de solidariedade, falar de amor ao próximo, de compaixão, de Papai Noel, de um novo ano... Por vezes, reclamamos disso tudo; alguns até deixam de gostar do Natal porque sempre se repetem as mesmas coisas.

No entanto, se olhamos num outro prisma, isso é quase como um rito de passagem; na maioria das vezes, os rituais são repetitivos sim, mas necessários às nossas vidas, ao nosso crescimento e, principalmente, ao nosso amadurecimento.

Natal e festas de final de ano também são ritos e, principalmente na vida das crianças, é muito importante para que elas compreendam e marquem acontecimentos ao longo de suas vidas. Nós costumamos dizer: No Natal de 2005, Aninha marcou a data de seu noivado; Na Páscoa, o Carlinhos deixou de usar a chupeta; Naquela época, quando estava namorando fulano...; Quando nasceu Mariana...; Da quarta para a quinta série...; Na primeira vez que acampamos de barraca... Todos esses rituais tornam-se um marco em nossas vidas.

Podemos usá-los, inclusive, a favor da educação de nossos filhos, para colocar e trabalhar com alguns limites e também conquistas. Por exemplo: Colocar e usar salto alto só depois dos 15 anos; Colocar *piercing* só depois dos 18 anos; Fazer tatuagem, depois dos 21; Sair sozinha, depois dos 15; Depois deste Natal, você poderá ir para sozinha a escola. Assim, cada etapa para certa autonomia torna-se uma conquista. Quando comemoramos os aniversários, e nossos filhos têm um marco para um vôo um pouco mais alto, conseguimos trabalhar com a paciência, a temperança e a tão indesejada frustração.

No Natal, também estamos mais fraternos, com o tal do espírito natalino; porém, ter compaixão apenas no final do ano não nos torna cidadãos melhores.

Para se criar uma cultura de solidariedade, devemos incorporar, no planejamento de nossas crianças, o desenvolvimento de atitudes solidárias, despertando a necessidade de cuidar do ambiente, dos amiguinhos, de dividir as tarefas, as brincadeiras, de doar os brinquedos e objetos que já não usamos mais na sala de aula (brinquedos, materiais escolares...), transformando essa necessidade em valor.

Dessa forma, um ato isolado, uma boa ação que aconteceria apenas no final de ano podem se tornar um hábito, um valor adquirido de bondade, de fraternidade para o resto da vida.

Esse senso de responsabilidade apresenta benefícios em longo prazo. A criança que cuida de seu ambiente imediato, cuida com carinho das pessoas que a cerca, pode vir a cuidar de ambientes mais amplos, desde o bairro, a comunidade, até o planeta. Entretanto, sua prioridade deve ser, é claro, sempre as pessoas.

Outras atitudes solidárias podem ser desenvolvidas no dia a dia, nos projetos, problematizando-se situações em que as crianças lidam com temas como o idoso abandonado, a fome, o maltrato a crianças, de forma contextualizada. Agir com criatividade, ter iniciativa, dar opinião, encontrar soluções para os problemas, empregando os conhecimentos adquiridos, são os procedimentos que devem permear as situações de aprendizagem não apenas na escola, mas sim na vida. O principal, porém, é tratarmos o ser humano sempre em primeiro lugar.

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.